

PONHO PALAVRAS NA MINHA CABEÇA

[PAISAGENS/IMAGENS]

- A terra seca não cheira. É preciso regá-la com pensamentos. Um, dois.
- A cor da terra é vazia de vida.
- Um canto arrastado. Vozes que avançam desde um princípio apenas imaginado. Vozes que são.
- Pousadas na terra em sossego as mãos sentem o calor.
- Um corpo em repouso levita sobre ondas de calor.
- Vozes em surdina como poalha.
- Ecos.
- Pés que tropeçam em pedras soltas.
- O ritmo do canto das cigarras.
- Um som de terra a estalar.
- Vagueiam vozes. A pouco e pouco serão uma vaga de fundo.
- Uma, duas vozes como relâmpagos.
- Fica no ar um rasto de fumo, por entre a terra seca.

1. CRIAÇÃO

PRIMEIRO ANCIÃO: *Ponho palavras na minha cabeça. Uma, duas. Lentamente. Olho a terra seca. Por entre trilhos onde um dia já houve água encaminho uma, duas palavras. Um caminho. Um mundo possível.*

Ponho palavras na minha cabeça. Desenho-lhes trilhos. Explosões químicas. Fulgurações eléctricas. Mapas de fome. Possibilidades de alimentos.

SEGUNDO ANCIÃO: *Os teus pés não marcam o chão. Apenas uma leva poalha digital. Nenhum caminho para te seguir. O teu alimento virá apenas por ti.*

A cor da terra cega-te. Desenhás círculos cegos. Tornas-te o centro cego desta terra queimada pelo sol. Uma, duas palavras são apenas pistas por entre palavras ainda longínquas.

TERCEIRO ANCIÃO: *Uma vez a terra era muita e não se via o fim. Era o tempo em que as serpentes ainda desenhavam mapas. Veio a água do princípio do universo e as serpentes tornaram-se finas redes. Os homens já lá estavam sem saber. Rodeados de terra, as sementes futuras nas mãos fechadas. Abri-las e deixar as sementes. Fechá-las e colher os frutos.*

Pode ser esta a maneira de começar o nosso mundo. As palavras começam os mundos. Este pode começar assim – uma terra imensa e vazia abandonada pelas serpentes para os homens nela criarem terra desdobrada em filhos e alimentos. Poucos.

2. MUNDO

SER #01: *Eu digo-te: vai aprender a ver a terra, vai aprender a unir-te com ela. Vai aprender a seres terra.*

SER #02: *Eu digo-te: vai aprender os movimentos que fazem da terra o teu ganha-pão. Vai esforçar-te para seres o homem que ainda não és.*

SER #03: *Eu digo-te: vai cheirar a terra e os frutos. Vai aprender o movimento dos teus braços em volta do trigo alto. Vai aprender a vergar a coluna até seres máquina.*

SER #04: *Eu digo-te: vai aprender a não olhar o sol. Vai aprender a seres apenas silhueta negra na imensidão amarela e brilhante.*

SER #05: *Eu digo-te: vai aprender a seres muitos. Vai aprender a dor e a cantar.*

3. PESSOAS EM BUSCA [estórias]

UM VELHO HOMEM REPETIDOR: Sabem os senhores que não são desta terra quando é que eu nasci? pois não hão-de saber se ainda não lhes disse homessa como é que haviam de saber ou adivinhar? pois eu lhes digo amigos estrangeiros que vieram de lá dessa ilha grande e fria e cheia de nevoeiro que este que aqui vêem nasceu no tempo em que o senhor Salazar disse que esta nossa terra era o celeiro da nação que foi coisa que nunca foi a não ser para meia dúzia de senhores que encheram o cu à nossa conta emprenharam-nos as filhas e mandaram os nossos filhos para a guerra percebem? ou lá na vossa terra não aconteceram coisas parecidas com estas? de modos que como ia dizendo sabem os senhores quando é que este que aqui vêem nasceu? pois não houveram de saber claro está porque nunca vos disse ou terei dito que foi no tempo daquele senhor que como ele vocês nunca tiveram lá na vossa terra distante assim a jeitos de ilha maior que a nossa da Madeira só que a vossa é um pouquinho mais larga e com mais fumos e menos quenturas...

TOUPEIRA SIMBÓLICA: A minha solidão é muito antiga. Olhem bem para mim: com estes membros escavei um túnel quase até ao fim do mundo. Escavei quase até ao fim do mundo e enquanto escavava criei a minha cidade subterrânea. Antes de desistir pensei que seria bom viver na cidade que criei com a minha força e a minha vontade – e aqui fiquei. Aqui estou. Porquê? Ah... Foi por um roubo! O meu amor foi raptado e fui em sua busca. Sim, não estranhem... Foi há muito tempo – ou talvez não. Envelheci, morri e tornei a nascer e sempre a escavar em busca do meu amor. Depois de escavar a minha cidade, outros partiram também em busca do seu amor e de-

senharam com a sua força outras cidades subterrâneas. É por isso que no mundo de cima há terra e alimentos para os homens que não sabem que os seus amores lhes fugiram.

MULHER DE NEGRO NUMA JANELA: Falam muito alto, estes homens, quando vêm do trabalho nos campos e trazem nos bolsos menos do que quando partiram. Um diz: *Lá está a Ti Gerúndia à janela sem fazer nada, já lhe devem doer os cotovelos!* E os outros riem, coitados. Amanhã outro homem há-de repetir isto, ou parecido. O meu homem que Deus tem talvez dissesse o mesmo quando via uma viúva à janela. Eles vão aos campos trabalhar por quase nada e gastam-se por quase nada, muito trabalho deitado fora, às vezes nem um punhado de trigo nasce do seu trabalho. Eu gosto de estar aqui, a juntar forças para suportar os anos de viúva de um homem que morreu a trabalhar por quase nada. Aos que ainda acreditam na terra-mãe ofereço um dádiva à Senhora de Aires. Aos jovens que já desistiriam nem um milagre os salvará. Já os meus avós sabiam disto. Gosto da minha janela, da madeira dela que quase faz parte de mim. Gosto. E os homens não sabem porquê.

SERPENTE DA HISTÓRIA: Estes campos não me servem, de todo! Devia ter ficado na história da criação, nunca de lá ter saído! A desenhar círculos, anéis, pistas, carreiros, trilhos, carris, veredas, caminhos e atalhos, mapas, cartas, constelações! A manjar pássaros e a transformar-me em belos frutos! A enganar os deuses e os homens! E agora práqui, uma pequena víbora que todos espezinham e ninguém alimenta. Podiam meter-me numa jaula, domesticarem-me e alimentarem-me devidamente com uns pássaros suculentos, uns belos ratos gordos, eu até me tornava vegetariana se me dessem uns belos frutos tropicais. Mas não! Querem manter a porcaria

da simbologia da criação e desatam a acusar-me de tudo e mais alguma coisa. Estou farta, ouviram?! Pois, eu sei que não serve de nada chatear-me, ninguém me ouve... Vou ser se arranjo umas sementitas, uns vermes ressequidos, se caço uns ratos escanzelados que neste Alentejo nem prós ratos a terra dá nada de jeito!

MULHER DO CABELO LONGO: Quatro mil duzentos e sessenta e oito dias. Neste tempo pensei-me cada dia mais perto de Ti, meu Deus, mas em cada dia foi também maior o sentimento de nunca conseguir chegar a Ti. Cada dia de desejo por Ti, meu Deus, sofri na pele da minha cabeça o crescimento de cada milionésimo de milímetro de cabelo por Ti, em direcção a Ti. Quanto mais o meu cabelo me cobriu as costas quase até aos pés, mais alto subiu o meu amor em Tua direcção. Pensei sempre que o meu enorme pecado foi tão grande que nenhum sacrifício, nenhuma oferenda de mim poderia ser bastante para obter o Teu perdão, para conseguir o Teu amor. Agora que o meu longo cabelo de quatro mil duzentos e sessenta e oito dias jaz aos meus pés cortado pela Tua vontade Divina sei, sei, que nunca o meu cabelo poderia crescer em direcção ao Teu perdão, ao Teu amor, meu Deus!

CRIANÇA À ESPERA: O meu avô prometeu que amanhã me contava uma história do tempo em que ele era moço e rijo e mondava os campos de sol a sol – isto é o que ele, coitado, me diz sempre. Mas a única coisa que fico a saber é que ele quando era moço e rijo mondava os campos de sol a sol. E nunca soube para que mondava ele de sol a sol os campos quando era moço e rijo porque noutras vezes em que me diz que me há-de contar uma história se queixa dos tempos em que era moço e rijo e mondava os campos de sol a sol. O meu avô já não é moço nem rijo e de sol a sol a única coisa que faz é dormir à sombra da nossa casa caiada de branco que tem a marca

das suas costas, assim uma mancha de uma cor que é diferente das outras todas. O meu avô que agora é velho e flácido não sabe que agora se contam histórias em muitos sítios, histórias que se calhar ele nunca ouviu mesmo quando era moço e rijo e lhe diziam que já pouco faltava para ir mondar os campos de sol a sol.

MENINA QUE VAI SER MULHER: O meu cabelo caiu cortado pelas mãos brutas das mulheres.

Nunca me disseram que quando fizesse 12 anos e entrasse nesta escola este seria o meu primeiro prémio de pequena mulher e agora estou triste muito triste e não quero ser maior e saber mais coisas para a vida que mais tarde há-de estar lá fora à minha espera e afinal deve ser de pessoas más que cortam o cabelo às meninas que vão ser mulheres não quero não quero o que eu quero é poder brincar com as minhas pequenas marionetas e emprestar-lhes os meus longos cabelos e com eles fazer-lhes tranças e barbas e bigodes e brincar aos sonhos.

Vou fechar com muita força os meus olhos de marioneta e matar o pesadelo onde sou uma menina a quem aos 12 anos cortaram o cabelo apenas para poder ser uma mulher que ela não quer ser.

GATO PRETO COM SORTE: Lamento desapontá-los mas a minha vida não tem qualquer facto digno de registo. O facto de ser negro, brilhante, grande e musculado é apenas uma sucessão de acasos – embora na sua maioria improváveis. De facto, o único facto registável é o de o meu dono ser um pobre proletário rural alentejano, explorado antes do 25 de Abril, e depois deste um dos pioneiros da reforma agrária e agora é um desempregado de longa data e estadia assegurada em hospitais para tratar das suas doenças que dentro em pouco o

levarão, enfim, à terra prometida. Como vêem, este meu ar luzidio, porte nobre, olhar enigmático, musculação atlética, é somente o produto de um conjunto de causas improváveis. Já o meu dono, proletário rural com reforma de miséria e doenças crônicas, não pode dizer o mesmo.

HOMEM-BAILARINO: Talvez este seja o meu último movimento. Pequeno. Insignificante. Quase nada. Um insignificante gasto de energia. Este dedo da mão, este pequeno dedo da minha mão esquerda a separar-se lentamente do que lhe está mais próximo, lentamente. Não... Mais uma pequena peça partida deste pobre corpo... Alimento desperdiçado... Por cada pedaço de comida a mais, mais uma peça partida desta máquina demasiado imperfeita para ser música...